A LITTLE BOAT INSIDE A HUGE OCEAN

ERIC CORNE
Curator

Description of their own artistic style by OSGEMEOS, in an interview published in May 2003.

The two brothers Gustavo and Otávio Pandolfo, known by the name OSGEMEOS, have been criss-crossing the megalopolis of São Paulo since 1987. They've been reviving the concrete walls of this inorganic, exuberant but hard metropolitan area of 22 million inhabitants with their graffiti – primitive and timeless art of our contemporaneousness – using an imagination which drifts between dream and magic spell, fantasy and social criticism.

At first glance the immediacy of their art appears to stem from naïve or surrealist influences – the images are free of the logic of understanding – allowing an enigmatic interplay between artists and viewer. Through the intensity of their work OSGEMEOS create a refuge world which is at once otherworldly and immaterial – as in Jerzy Kosinski's *The Painted Bird*, stunned by the violence of the world and its elusive nature. Face to face with OSGEMEOS we find ourselves in a dream world, sometimes night, sometimes day, which is lit not by light but by colour, in particular the colour yellow which is summoned into each of the works.

But their murals (for this is what it's all about) should also be observed through time strata: the brothers have married the scattered and contradictory elements of hip-hop graffiti culture with the ethnological models of the many and diverse primitive communities of Brazil. They have also rediscovered the effectiveness of the Brazilian school of realists and modernists such as Tarsila do Amaral, Alberto da Veiga Guignard or Candido Portinari, some of whom were close to the cannibal movement. The *Manifesto Antropófago* [Cannibal Manifesto], written by Oswald de Andrade (published in May 1928), with its metaphorical language and poetic aphorisms, is a meditation on the question of cultural dependence in Brazil where the use of wild and primitive elements was considered aggressive and uneducated.

OSGEMEOS's style of painting picks up from the point where Brazilian art stalled at the end of the fifties, when figurative art fell victim, as in numerous other countries, to being too often confounded with socialist realism and the social criticism it tried to convey, unlike abstract art, in particular Abstract Expressionism, which became the showcase of an America freed of all European influence. Political graffiti appeared on the walls and streets in the 1960's. But it was particularly in the early 1970s in the Bronx, New York, at a time of different social crises, when a spontaneous and intense graffiti art movement was born among writers and figurative artists with little heed for style or norms. This artistic movement was to become associated with hip-hop after its emergence in the late 1970s. These clandestine graffiti, firmly outside of conventional art confines, have seized hold of the city's public space and marked out whole territories. This urban culture (graffiti, rap, DJing, break dancing), originating from the black ghettos, has now spread throughout the world. While there is a strong tradition of murals in South America, the hip-hop in Brazil, and in particular in Sao Paulo, is conditioned by social and racial inequalities: it counters the modernism and stark architectural austerity. The city perceived as concrete jungle becomes the canvas of the "bombing" and also of artistic interventions such as those carried out by the OSGEMEOS, who, with their lyrical, romantic and dream-like style, have also entered museums, galleries and biennials throughout the world. Each project is treated as an installation, mixing work done directly on the wall with canvases and sculptures (primitive guitars, human figures, cars, houses…). Their installations have that mark and ooze primitivism and vulnerability in their artistic form. The visitor immerses himself in the work and interacts with and through the art. The painted doors of these houses are metaphors of the different passages into the imagination. In this way they are messengers from their inhabitants, where colour has the place of honour: it covers the walls of cement, of wood or cardboard, of canvas and of paper – covers with brio, and an infinity of details, the material of their fragile dwellings. Fluorescent pink, cadmium orange, electric blue, cinnabar green and sun yellow in great swathes of colour inundate, light up and protect their habitat. The too-neutral white, the solitary grey and the misery are forgotten.

UM BARQUINHO DENTRO DE UM ENORME OCEANO

ERIC CORNE
Comissário

Resposta d'OSGEMEOS para descrever o seu próprio estilo, numa entrevista publicada em Maio de 2003.

—
São Paulo, 2009

—
capa / cover / couverture + poster:
Museu Colecção Berardo, 2010
© Luís Colaço

Desde 1987 que os irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo, conhecidos pelo nome OSGEMEOS, percorrem a mega-cidade de São Paulo. Com os seus *graffiti* – arte primitiva e intemporal da nossa contemporaneidade – voltam a dar vida às paredes de betão desta mega-cidade mineral, exuberante e dura, de 22 milhões de habitantes, apelando a um imaginário entre o sonho e o sortilégio, a fantasia e a crítica social.

Numa primeira análise, a sua arte imediata parece influenciada pelo movimento *naïf* ou surrealista. As imagens encontram-se desligadas de toda e qualquer compreensão lógica, um enigma em permutação dos pintores com o observador. OSGEMEOS criam, com a intensidade das suas obras, um mundo-refúgio, fantasmagórico e intemporal – qual *O Pássaro Pintado*, de Jerzy Kosinski, estupefacto perante a violência do mundo e o seu lado insaciável. Perante OSGEMEOS, encontramo-nos situados num mundo onírico, ora nocturno, ora diurno, que nos ilumina, não com luz, mas com cor, em particular o amarelo, que convocam de obra em obra.

Mas a sua pintura mural (pois é disso que se trata, acima de tudo) deve também ser olhada por estratos temporais, onde se reuniram as características aparentemente dispersas e contraditórias da cultura *hip-hop* do *graffiti* com modelos folclóricos de comunidades bastantes diversas do Brasil. Redescobriram também a eficácia da pintura brasileira de realistas e modernistas, tais como Tarsila do Amaral, Alberto da Veiga Guignard ou Candido Portinari, alguns deles muito ligados ao movimento antropófago.

O *Manifesto Antropófago*, escrito por Oswald de Andrade (publicado em Maio de 1928), com a sua linguagem metafórica e os seus aforismos poéticos, propunha-se reflectir sobre a questão da dependência cultural do Brasil que entendia, então, o elemento selvagem e primitivo como sendo agressivo e inculto.

A pintura de OSGEMEOS recomeçou nesse ponto onde a arte brasileira fora interrompida, em finais da década de 1950. De facto, tanto no Brasil como em inúmeros países, a figuração criou alguns problemas, pois era demasiadas vezes confundida com o Realismo Socialista e a crítica social que poderia transmitir, ao contrário de uma arte abstracta, como a do Expressionismo Abstracto, que se tornou a montra da América liberta de toda e qualquer influência europeia. Sobre as paredes, na rua, apareceram, a partir da década de 1960, *graffiti* políticos. Mas é sobretudo no Bronx, em Nova Iorque, em inícios dos anos de 1970, e num contexto de crise social, que nasce espontânea e intensamente uma arte *graffiti* entre *writers* e pintores figurativos, executada com a urgência da fragmentação dos estilos e dos códigos, e que ficou associada ao *hip-hop* depois do surgimento deste, em finais da década de 1970. Estes *graffiti*, completamente exteriores a qualquer circuito artístico convencional, clandestinos, com as suas incidências sociais e reivindicativas, conquistaram o espaço público da cidade, marcaram territórios. Originária dos guetos negros, esta cultura urbana (*graffiti, rap, DJing, break dancing*) espalhou-se pelo mundo inteiro. Apesar de existir uma forte tradição mural na América do Sul, o *hip-hop*, no Brasil e, particularmente, em São Paulo, é caracterizado por desigualdades sociais e raciais, contestando o modernismo e o sóbrio design arquitectural. A cidade, entendida como uma *concrete jungle*, vê-se transformada em suporte de *bombing* e também de intervenções de carácter artístico como as realizadas pel'OSGEMEOS, que, com o seu estilo onírico, lírico e romântico, chegam também aos cimácios dos museus, das bienais e das galerias de todo o mundo. Cada projecto é, assim, pensado como uma instalação, misturando pinturas realizadas directamente sobre paredes, ou sobre telas e esculturas (guitarras primitivas, figuras humanas, carros, casas…). As suas construções têm essa marca, e reencontram sob a sua forma artística, um primitivismo e uma precariedade originais. O visitante mergulha e interage dentro e através das obras. As portas pintadas destas casas são igualmente metáforas de passagens para o imaginário. Tornam-se mensageiras dos seus habitantes sendo a cor a convidada de honra – cobrindo orgulhosamente, e com uma infinidade de detalhes, as paredes de cimento, de madeira ou de cartão, de pano ou de papel, os materiais das suas incertas casas. Os rosas fluorescentes, os laranjas cádmio, os azuis eléctricos, os verdes cinábrio, os amarelos cor de sol em grandes lanços de cor, inundam, iluminam e protegem as suas casas. O branco neutro em demasia, o cinzento solitário e a miséria, são esquecidos.

UN PETIT BATEAU DANS UN ÉNORME OCÉAN

ERIC CORNE
Commisaire

Réponse d'OSGEMEOS pour décrire leur propre style lors d'une interview publiée en Mai 2003.

—
Banho de sol à sombra, 2007
Col. / Coll. Nancy and Rodney Gould, Waban, MA

—
À espera que a chuva pare, 2007
Col. / Coll. Nancy and Rodney Gould, Waban, MA

—
Sem título, 2008

—
A princesa de pororoca, 2008

Depuis 1987, les deux frères Gustavo et Otavio Pandolfo, connus sous le nom d'OSGEMEOS, parcourent la mégapole de Sao Paulo. Avec leurs *graffiti*, art primitif et intemporel de notre contemporanéité, ils réaniment les murs de béton de cette mégapole minérale, exubérante et dure de 22 millions d'habitants, ils y convoquent leur imaginaire entre rêve et sortilège, fantaisie et critique sociale.

Leur art avec son immédiateté paraît au premier abord sous influence naïve ou surréaliste, les images sont déliées de toute logique compréhension, énigme en échange des peintres au regardeur. OSGEMEOS créent avec l'intensité de leurs oeuvres un monde-refuge, fantasmagorique et intemporel — *Oiseau bariolé* (Jerzi Kosinski) stupéfait devant la violence du monde et son côté insaisissable. Face à OSGEMEOS, nous sommes dans un monde onirique, tantôt nocturne, tantôt diurne, qu'éclaire violemment non pas la lumière, mais la couleur, particulièrement le jaune qu'il convoque d'œuvre en oeuvre.

Mais leur peinture murale (car c'est de cela qu'il s'agit avant tout) est aussi à regarder par strates de temps, ils ont assemblé les membres en apparence dispersés et contradictoires de la culture *hip-hop* du *graffiti* avec les modèles folkloriques des communautés primitives si diverses au Brésil. Ils ont aussi retrouvé l'efficacité de la peinture brésilienne des réalistes et modernistes comme Tarsila do Amaral, Alberto da Veiga Guignard ou Candido Portinari dont certains étaient très liés au mouvement anthropophage. Le *Manifesto Antropófago* [Manifeste anthropophage], écrit par Oswald de Andrade (publié en mai 1928) avec son langage métaphorique et ses aphorismes poétiques proposait de réfléchir sur la question de la dépendance culturelle au Brésil qui percevait alors l'élément sauvage et primitif comme agressif et inculte.

La peinture d'OSGEMEOS a repris là où elle avait été interrompue à la fin des années 1950, en effet au Brésil comme dans de nombreux pays, la figuration a posé problème car elle était trop souvent confondue avec le réalisme socialiste et la critique sociale qu'elle aurait pu transmettre au contraire d'un art abstrait, celui de l'Expressionnisme abstrait, vitrine de l'Amérique libérée de toute influence européenne. Sur les murs, dans la rue est apparu dès les années 1960 du *graffiti* politique. Mais c'est surtout dans le Bronx, à New York, au début des années 1970, et dans un contexte de crise sociale qu'a vu le jour spontanément et intensément un art du *graffiti*, entre *writers* et peintres figuratifs, réalisé dans l'urgence des styles éclatés et des codes, et qui est resté associé au *hip-hop* après son apparition à la fin des années 1970. Ces *graffiti*, hors de tout circuit artistique conventionnel, dans la clandestinité, avec leurs incidences sociales et revendicatives ont saisi l'espace public de la ville, marqué des territoires. Originaire des ghettos noirs, cette culture urbaine (*graffiti, rap, DJing, break dancing*) s'est répandue dans le monde entier. S'il y a une forte tradition du muralisme en Amérique du sud, le *hip-hop* au Brésil et particulièrement à São Paulo est déterminé par les inégalités sociales et raciales, il conteste le modernisme et le sobre design architectural. La ville perçue comme une *concrete jungle* devient support du *bombing* et également d'interventions de caractère artistique telles que celles réalisées par les OSGEMEOS, qui avec leur style onirique, lyrique et romantique arrivent aussi sur les cimaises des musées, des biennales et des galeries du monde entier. Chaque projet est alors pensé comme une installation mêlant des peintures réalisées directement sur le mur ou sur des toiles et des sculptures (guitares primitives, figures humaines, voitures, maison…). Leurs constructions ont cette empreinte et retrouvent dans leur forme artistique un primitivisme et une précarité originels. Le visiteur s'immerge et interagit dans et à travers les œuvres. Les portes peintes de ces maisons sont autant de métaphores de passages vers l'imaginaire. En cela ils sont les messagers de leurs habitants, la couleur étant l'invitée d'honneur – elle recouvre avec fierté, et une infinité de détails, les murs de ciment, de bois ou de carton, de toile ou de papier, matériaux de leurs incertaines maisons. Les roses fluos, les orange cadmium, les bleus électriques, les verts cinabre, les jaunes soleil en grands pans de couleur inondent, éclairent et protègent leurs habitats. Le trop neutre blanc, le gris solitaire et la misère s'oublient.

17.05.
—
19.09.
2010

OS GEMEOS

PRA QUEM MORA LÁ, O CÉU É LÁ

MUSEU
COLECÇÃO
BERARDO